



## RESENHA

*Rebeca Roysen* - Mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP); doutoranda em Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rebecaroysen@gmail.com.

VILLAS BÔAS, Orlando; VILLAS BÔAS, Cláudio. **A marcha para o Oeste:** a epopeia da Expedição Roncador-Xingu. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 638p. Inclui mapa e fotos.

### **Redescobrimo o Xingu**

Orlando Villas Bôas (1914-2002) e Cláudio Villas Bôas (1916-1998), juntamente com o seu irmão caçula, Leonardo Villas Bôas (1918-1961), eram jovens de classe média de São Paulo quando resolveram se juntar à Expedição Roncador-Xingu, em 1943. Essa expedição tinha como objetivo desbravar a região localizada entre o rio Araguaia e o rio Tapajós, passando pela região do rio das Mortes e da Serra do Roncador, no estado de Mato Grosso. Coordenada pela Fundação Brasil Central (FBC), uma das metas da expedição era instalar campos de pouso e bases radiotelegráficas, de forma a integrar essas regiões “vazias” ao resto do país. Os irmãos Villas Bôas tornaram-se líderes da expedição e acabaram passando mais de 30 anos na região do Xingu. Mesmo não sendo antropólogos, escreveram diversos livros sobre a cultura dos povos xinguanos, como *Xingu: os índios, seus mitos* (1990) e *A arte dos pajés: impressões sobre o universo espiritual do índio xinguano* (2000), entre outros.

*A Marcha para o Oeste* foi publicada pela primeira vez na década de 1990, sendo contemplada com o Prêmio Jabuti em 1995. Reeditada recentemente pela Companhia das Letras, a obra contém o diário da Expedição Roncador-Xingu,

escrito por Cláudio e Orlando no calor da marcha, bem como alguns relatos escritos posteriormente. Esta reedição faz jus à importância dessa expedição no desenvolvimento da região central do Brasil na história da nossa relação com os povos indígenas. Apesar de não ser uma análise histórica, a obra é relevante pelo fato de que todo o acervo de documentos e fotos da FBC e da Expedição Roncador-Xingu foi destruído quando a FBC deu lugar à Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO). Esta reedição também coincidiu com o lançamento do filme *Xingu*, dirigido por Cao Hamburger, baseado na história dos irmãos Villas Bôas e da “Marcha para o Oeste”.

O livro relata o cotidiano dessa expedição de vanguarda, que se lançou por regiões até então desconhecidas, que formavam “manchas brancas” no mapa do Brasil. Muitas dessas regiões eram dominadas por tribos indígenas arredias, como os Xavantes e os Kayapós, que barravam a entrada de castanheiros, seringueiros e garimpeiros na floresta. Enfrentando um território ignorado, os expedicionários enfrentavam o calor extremo, temporais, a ameaça constante de ataque de índios hostis e de animais perigosos como onças e cobras, bem como atemorizantes insetos, como formigas-de-fogo, muriçocas e as pequenas abelhas lambe-olhos. No entanto, seguiam abrindo picadas e campos de aviação, construindo pontes e acampamentos, nomeando os córregos que encontravam e abrindo caminhos para a ocupação dos territórios desbravados.

Aos desafios naturais somavam-se falhas constantes nos transportes e nas comunicações. A vanguarda da expedição dependia de aviões aposentados ou obsoletos da Força Aérea Brasileira, que eram doados à FBC. Os transmissores dos rádios quebravam regularmente, deixando os expedicionários em completo isolamento e sem comunicação com a retaguarda. Constantemente ficavam sem alimentos trazidos da retaguarda (arroz, feijão, conservas etc.), tendo que caçar e pescar para sobreviver, muitas vezes comiam piranhas, gafanhotos e até mesmo onças e macacos. Na abertura da picadas no meio da floresta, entre os rios Maritsauá-Missú e Teles Pires, enfrentaram também longos trechos sem água, quando dependiam da água de cipós. Por inúmeras vezes ficaram doentes, principalmente com malária. Frequentemente havia cortes de verbas, o que impedia que a retaguarda lhes enviasse roupas, calçados, combustível para os barcos e até mesmo alimentos e remédios. Mas os irmãos Villas Bôas se mantiveram firmes no propósito de levar a cabo a missão que lhes fora confiada.

É possível perceber a influência de Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958) na postura dos Villas Bôas. Isso se expressava não apenas na relação pacífica com os índios (“morrer se for preciso, matar nunca”), mas também

na insistência em hastear a bandeira nacional todos os domingos e realizar celebrações cívicas naqueles lugares tão distantes da chamada civilização. Eles comemoravam as datas cívicas – Dia de Tiradentes, Dia do Trabalho, Dia da Independência – e discursavam sobre estas para os sertanejos que integravam a expedição. Porém, os fatos mais notáveis revelados no texto referem-se ao fascínio dos irmãos pela região do Alto Xingu e o encantamento pelos povos indígenas com os quais tiveram contato (muitos pela primeira vez) e tratavam com respeito e admiração.

Ali no Xingu, no encontro da Amazônia com o Brasil Central, com a sua rica fauna, os irmãos Villas Bôas encontraram um retrato de como era o país à época do descobrimento, protegido da “mão predadora do civilizado”. Nessa região viviam cerca de dez tribos indígenas, representantes das quatro grandes famílias linguísticas do Brasil – Tupi, Caribe, Aruak e Jê –, com costumes muito parecidos. Segundo Cláudio e Orlando, essas tribos viviam num estado de equilíbrio com o meio natural. Aquela região havia se tornado uma grande área de refúgio para índios de diversas regiões, pressionados pelo avanço da fronteira civilizatória. Os autores os descrevem assim: “São gentis e hospitaleiros, fazem o possível para ser agradáveis. [...] As crianças são dóceis e carinhosas. Nunca assistimos a uma discussão nem vimos um gesto brusco que denunciasse contrariedade. Vivem uma vida social invejável” (p. 278).

O livro nos convida a um encontro com as raízes da nossa nação. No decorrer do texto, identificamos a possibilidade de diálogo e de cooperação entre índios e brancos, em um relato fidedigno sobre esses encontros entre culturas tão distintas. Por um lado, acompanhamos com deleite a reação dos índios quando apresentados ao fósforo ou ao cinema, e o relato sobre o velho cacique que, entusiasmado ao ver um avião, perdeu a compostura e correu como um menino. Por outro lado, notamos a frustração dos “civilizados” quando os índios tentavam amigavelmente ajudar na construção dos campos de pouso, mas não aguentavam o ritmo de trabalho dos brancos.

Com um profundo respeito por suas culturas e modos de vida, os irmãos Villas Bôas estabeleceram relações de amizade e confiança com diversas tribos indígenas, incluindo anciãos e caciques respeitados. Eles se empenharam em criar alianças entre tribos rivais, oferecer assistência médica e fortalecer esses grupos para que pudessem defender suas culturas. Em 1948, os irmãos registraram no diário: “Se a estes índios for dada uma assistência [médica] conveniente, não temos dúvida de que em poucos lustros teremos novamente o Alto Xingu como hábitat das mais fortes e expressivas nações indígenas do Brasil” (p. 382-283). Exemplo do respeito que os irmãos conquistaram na região é o papel que exerceram na

reunião dos Yawalapiti, tribo que havia se dispersado pelo território e que, com a ajuda dos Villas Bôas, reergueram a sua antiga aldeia. O cacique Aritana yawalapiti chegou a tornar-se a mais influente autoridade do Alto Xingu.

Apesar dos cuidados e da assistência médica oferecida, os Villas Bôas não conseguiram evitar os graves surtos de gripe decorrentes da sua chegada à região. Tal episódio ressalta o grave risco que os germes trazidos pelos brancos representavam para as nações indígenas de vários territórios. Inúmeros Kamaiurás, Trumais e Jurunas adoeceram, e outros Kuikuros e Kalapalos, incluindo o cacique Izarari, morreram em decorrência da gripe. Os médicos da expedição, especialmente o sanitarista Noel Nutels (1913-1973), empenharam-se na assistência aos índios, atendendo a todos os chamados da retaguarda, ainda que muitas vezes tivessem que enfrentar longas viagens em aviões monomotores, debaixo de chuva e ventania. Pilotos da FAB também ganham protagonismo na história da expedição, pois foram fundamentais para o transporte de remédios, alimentos e pessoas doentes nas regiões isoladas do interior do Brasil.

A Expedição Roncador-Xingu resultou em dezenove campos de pouso e quatro bases militares; 42 vilas e cidades surgiram nos rastros da expedição, e dezoito povos indígenas foram contatados. Essa expedição viabilizou a ocupação da região da Serra do Cachimbo e a construção da rodovia Cuiabá-Santarém. Dessa forma, a Expedição Roncador-Xingu promoveu a expansão da fronteira colonizadora que viria a ameaçar os povos indígenas da região. Ao mesmo tempo, conscientes da fragilidade dos índios diante desse avanço, os Villas Bôas buscavam prepará-los e protegê-los da mesma civilização da qual eram representantes. A sua maior realização nesse particular foi a concepção do Parque Nacional do Xingu (hoje denominado Parque Indígena do Xingu-PIX), criado em 1961 por Jânio Quadros. Ali vivem hoje, distribuídos em um território de aproximadamente 27 mil km<sup>2</sup>, cerca de 5.000 mil índios, que falam dez línguas diferentes.

Desde os primeiros contatos com grupos indígenas arredios, os irmãos buscaram firmar a paz entre as tribos, como entre os Juruna e os Txucarramãe, e entre os Juruna e os Suyá. Buscavam estabelecer alianças entre esses grupos antes inimigos, para que tivessem força suficiente para enfrentar o avanço da colonização. Durante o primeiro contato com os Txicão, os autores registraram o seguinte pensamento: “O que queremos é protegê-lo. [...] Não viemos aqui para o ameaçar com nosso mundo, mas para defendê-lo contra ele” (p. 605). Para isso, os irmãos Villas Bôas convenceram diversas tribos (Kaiabi, Txicão, Tapayuna e Krenakore) a ingressar no Parque Indígena do Xingu ou a se mudar para as suas imediações. As terras que antes pertenciam a essas tribos foram logo ocupadas por fazendeiros e as florestas foram destruídas. Uma breve análise das imagens

orbitais da área que circunda o PIX deixa claro o rastro de destruição que se seguiu à colonização branca, especialmente com o recente avanço do cultivo da soja, gerando impactos até dentro do Parque (BRONDIZIO et al., 2009). Em *A Marcha para o Oeste* ficam patentes as contradições entre o desenvolvimento territorial, de um lado, e preservação do meio ambiente e das culturas tradicionais, de outro – retrato de um dilema nacional profundo, que persiste até os dias atuais.

O texto apresenta descontinuidades, e não estão citadas muitas informações históricas essenciais para a compreensão abrangente do fenômeno. Nessa reedição, destaca-se a falta de um trabalho editorial que introduzisse notas explicativas sobre alguns fatos que não ficaram esclarecidos. Foi incluído um mapa, porém muito simples e incompleto, que chega a confundir o leitor. Apesar dessas falhas editoriais, a obra é relevante para o debate sobre o processo de desenvolvimento brasileiro e sobre a nossa relação histórica com os povos indígenas e com o território nacional.

## REFERÊNCIA

BRONDIZIO, E. S.; OSTROM, E.; YOUNG, O. R. Connectivity and the Governance of Multilevel Social-Ecological Systems: The Role of Social Capital. **Annual Review of Environment and Resources**, n. 34, p. 253-278, 2009.

Texto submetido à Revista em 30.12.2014  
Aceito para publicação em 07.02.2015

